

ENTRE MÉDICOS, POLICIAIS E JORNALISTAS: A PROSTITUIÇÃO FEMININA NA CIDADE DO RECIFE NO INÍCIO DO SÉCULO XX (1900-1930)

Tayanne Adrian Santana Morais da Silva ¹
Helder Douglas Ferreira Freitas ²
Raquel Barreto do Nascimento ³

RESUMO

O início do século XX trouxe para o Recife diversas transformações urbanísticas e também as tentativas de controle social. A construção de um espaço público higienizado teve como companheira a criação de um espaço privado acolhedor e limpo, com o intuito de manter o trabalhador longe de práticas que o desvirtua-se, em especial, a prostituição. Dessa maneira, as prostitutas tiveram sobre elas os olhos atentos da imprensa pernambucana que retratava a vida escandalosa das chamadas “carmelitas”. Portanto, o presente artigo tem como objetivo abordar o impacto dos discursos modernizante e higienista na questão da prostituição nos bairros do Recife entre os anos de 1900 e 1930, tratando também de suas representações nas páginas dos jornais da cidade. Para tanto, fizemos um levantamento documental no acervo da Biblioteca Nacional Digital dos periódicos que circulavam na capital pernambucana nas três primeiras décadas do século XX. Ancorados nos estudos de Engel (1989), Rago (1997) e Couceiro (2003), percebemos que a vida das Filhas de Vênus protagonizavam nas páginas dos jornais um espetáculo de divertimento para a população, ao mesmo tempo que eram utilizadas com finalidades pedagógicas para afastar os “cidadãos de bem” do mau caminho.

Palavras-chave: Prostitutas, Recife, Século XX, Jornais, Higienismo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de um estudo voltado a entender como os discursos de médicos, do corpo policial e da imprensa pensavam a questão da prostituição no centro da cidade do Recife entre as três primeiras décadas do século XX. Ao estabelecer esse marco temporal, o estudo propôs-se a investigar como os discursos modernizadores e higienistas modificaram as representações sobre as prostitutas no Recife, desvelando problemáticas que perpassam questões de gênero e classe no seio da capital pernambucana.

Esta investigação tem como objetivo evidenciar as ambiguidades do tratamento dado a essas mulheres que eram marginalizadas socialmente, ao mesmo tempo que eram

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, tayanne_morais16@hotmail.com;

² Graduado pelo Curso de História da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, helder.1689.doug@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de História da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, raquelbarreto.nasc@gmail.com.

espetacularizadas nas páginas dos jornais recifenses. Por isso, o presente estudo é de fundamental importância, visto que se propõe a discutir historicamente, como os discursos higienistas e de normatização do corpo e dos costumes alteraram significativamente a forma como essas mulheres eram vistas na sociedade. De propagadora das doenças venéreas até pobre criança explorada, a mulher prostituta no início do século XX percorreu um longo caminho marcado pelo rechaço social, questões de classe e relações de gênero que faziam das “filhas de Vênus” tanto objeto de desejo, quanto exemplos negativos para as moças de família.

Para tanto, este trabalho esteve ancorado em estudos de autores como Engel (1989), Rago (1997) e Couceiro (2003) no intuito de destacar o arcabouço teórico a respeito da prostituição no século XX. A análise documental dos periódicos *A Província*, *O Besouro*, *Diário de Pernambuco*, *Jornal Pequeno* e *Jornal de Recife* que circulavam na capital recifense entre as décadas de 1900 e 1930, também foi de fundamental importância, visto que foi a partir da investigação das páginas impressas que evidenciamos o tratamento ambivalente da sociedade recifense em relação às prostitutas.

A partir do levantamento bibliográfico e da análise dos jornais mapeados no acervo da Biblioteca Nacional Digital, pode-se destacar que médicos, policiais e jornalistas exerceram papéis decisivos em relação ao modo que as prostitutas eram vistas nas primeiras luzes do século XX. Entre ações modernizantes, cortiços insalubres, bordéis de luxo, escândalos e relações de poder, essas mulheres sofreram com os olhares de uma sociedade patriarcal que explorava seus corpos na dimensão física e de reforço de masculinidades, como também objetos pedagógicos para instituir uma pedagogia moral, sobretudo em outras mulheres, o que recaí necessariamente nos estigmas que até hoje o exercício da prostituição carrega.

METODOLOGIA

Nosso interesse neste estudo está voltado para compreender as diferentes dimensões da vida social das mulheres prostitutas no Recife do século XX, atentando para as dificuldades encontradas por estas frente à marginalização de seus corpos durante este período. A partir desta análise, será possível entender o que se caracterizava por “ser uma mulher prostituta” neste recorte temporal, e os caminhos encontrados por elas a fim de se sobressair frente às regulações higienistas e modernizantes no período. Mediante a pesquisa documental em jornais da época, buscamos evidenciar os textos e imagens proferidos pela imprensa pernambucana acerca destas mulheres que passam a ter seus corpos estereotipados e

especularizados. Como fonte histórica, os jornais se apresentam como reveladores dos discursos operantes na época, revelando o contexto social e político regente.

Entender como os discursos jornalísticos retratavam as mulheres durante as reformas urbanas do século XX se revela fundamental para contextualizarmos a experiências femininas neste período. Cabe-nos salientar ainda que o uso da imprensa escrita como documento e fonte histórica neste estudo não se faz de maneira indiscriminada, do contrário, nos resguardamos de aparatos teóricos e metodológicos para tal análise.

Tal afirmação fundamenta-se nos estudos de Rafael Lapuente (2015) ao destacar que ao nos debruçarmos sob os registros dos jornais o historiador deve levar em consideração que a própria construção do jornal e demais mídias impressas está ancorada em uma “pluridade de pessoas, de pensamentos e de posicionamentos nem sempre convergentes e de fácil percepção de seu interior” (p. 5). Evidenciamos, neste sentido, que este estudo busca elencar as diversas fontes impressas do período, visando compreender a multiplicidade de informações e eventos que constroem o estereótipo feminino no período.

DESENVOLVIMENTO

Na virada do século XIX para o século XX, os ideais de modernidade se propagaram com mais rapidez no continente europeu. Cidades como Londres e Paris, no período conhecido como *belle époque*, observaram o crescimento de seus centros urbanos e do fluxo de pessoas nesses espaços. Toda essa movimentação provocou uma série de mudanças expressivas nos campos político, econômico e, sobretudo, no âmbito sociocultural das cidades europeias, em especial no que diz respeito à gestão sanitária e normas de higiene. A época da reeducação e normatização dos corpos e de comportamento social havia chegado.

O Brasil, por sua vez, não ficou alheio a essas mudanças. Os ideais de progresso e de sociedade moderna das grandes cidades europeias serviram de modelo para as grandes cidades brasileiras, entre elas o Rio de Janeiro, São Paulo e o Recife. As influências inglesa e francesa trouxeram o desejo de remodelamento do espaço urbano, tanto em seus traços arquitetônicos, quanto no comportamento da população no uso desse espaço.

Com a adoção dos novos hábitos estrangeiros, foram novas modalidades de discursos, de comportamentos, de vestuários, etc., incorporadas ao cotidiano urbano abalizando uma divisão maior entre o espaço público e o privado, onde o primeiro destes deveria passar por um progresso de “educação” normatizando-se seus usos e comportamentos, e o segundo funcionaria como berço para o desenvolvimento de uma sociedade “civilizada” (SILVA, 2011, p. 216).

Sendo assim, os ideais de civilização do progresso permearam não só a esfera do público, mas também do privado. O ambiente familiar ganhou novas funções, sendo colocado em meio aos discursos modernizantes como parte essencial da construção desse novo modelo de civilidade. Nesse contexto, as próprias habitações familiares passaram por modificações sob os ideais de modernidade da burguesia. O objetivo era tornar a casa um ambiente mais aconchegante e convidativo, capaz de conservar os perigos dos maus hábitos da rua longe dos integrantes do núcleo familiar. Conforme afirma Neves (2018):

Era objetivo das elites despertar na classe proletária, através de uma casa limpa e salubre, o gosto pela família, o apreço pelo descanso e a vida regrada, ou seja, inculcar no trabalhador operário o mesmo modelo de vida burguês [...] Dificultar o acesso aos “vícios e tentações” que as ruas do centro do Recife poderiam oferecer (álcool, prostituição, brigas) (NEVES, 2018, p. 56).

No Recife, os ideais de progresso da burguesia chegou com a dinamização dos transportes, do ramo de comunicações e os incrementos na estrutura urbana que tiveram impactos significativos na dinâmica social. Localidades como o bairro de Santo Antônio configuravam-se como centros importantes da cidade, tanto no âmbito das negociações comerciais, como no que tange aos espaços de diversão pública. Dessa forma, esses espaços urbanos foram sendo transformados em lugares de trabalho para uns e de lazer para outros.

Contudo, a diversão de rua caracterizada pela bebida, o jogo e a prostituição (BATISTA JR., 2016) contrastava com a ideia de lar harmonioso burguês, o que transformou esses ambientes em locais repudiados pela ala mais conservadora da cidade. Nesse contexto, a famosa boemia recifense e seus protagonistas, especialmente as prostitutas, passaram então a ser constantemente vigiados com o intuito de normatizar seus comportamentos e no caso destas últimas, afastar dos olhos das “moças de famílias” o exercício da prostituição, o que acarretou em mudanças na forma de representá-las.

Os discursos médicos também foram fundamentais em relação à forma como as prostitutas eram vistas socialmente. Em seus esforços de higienizar e normatizar os corpos, o discurso higienista no começo do século XX recaía não só nas práticas das prostitutas, mas também nos lugares onde elas vivam, em sua maioria, em condições insalubres devido a pobreza e exclusão social. Contudo, aos olhos atentos da elite recifense, esses espaços representavam não só o centro de doenças e miasmas que contaminavam os ares da cidade, como também espaço privilegiado de desenvolvimento da vadiagem e do vício. Portanto, além da higienização das habitações, segundo Gouveia (2015), seria preciso uma mudança

efetiva quanto à inserção de novos hábitos tanto na dimensão do público, quanto do privado por parte da população recifense. De acordo com Rago (1997),

O controle global da população pobre da cidade, seja nos lugares públicos, seja no espaço doméstico por parte desses especialistas se funda na crença generalizada de que a “casa imunda”, o cortiço e a favela constituem focos onde se originam os surtos endêmicos, os vícios e os sentimentos de revolta. [...] Destruir os miasmas é também destruir os odores da corrupção moral (RAGO, 1997, p. 164).

Nesse sentido, o discurso sanitarista se volta também para a questão dos costumes dos indivíduos, imbuindo os dizeres de médicos e de higienistas sociais de um caráter pedagógico de reeducação dos hábitos morais, e é claro, de suas práticas sexuais. Portanto, o exercício da prostituição – considerada desde 1890 pelo discurso médico como prática associada à propagação de doenças venéreas e antro da sexualidade pervertida – passou a ser visto como corruptor dos bons costumes e também um dos promotores da criminalidade, sendo necessária a intervenção não só dos médicos, mas também da polícia.

Embora o exercício da prostituição não fosse considerado crime pelo Código Penal Federal de 1890, os artigos 277 e 278 apontava como ato criminoso a promoção da prostituição ou sua exploração por terceiros, denominada como “crime de lenocínio”. Contudo, os dizeres do corpo policial, assim como nas opiniões dos médicos, entravam no coro de acusações sobre as atividades das filhas de Vênus, o que permitia que as mesmas estivessem ligadas aos maus hábitos e a desordem pública (PEREIRA, 2018, p. 50). O bairro de Santo Antônio, por exemplo, era descrito nos relatos policiais como área de prostituição e outras atividades ilícitas, de modo que chegou a ter 50% das ocorrências de prisões em todo o Recife (VALENÇA, 2018). Ainda sobre esses dados, das 127 prisões por ofensa à moral entre no ano de 1914 na cidade do Recife, 77 foram mulheres descritas como prostitutas.

Contudo, é válido apontar que embora fosse repudiada socialmente, a prostituição era por vezes tolerada. De acordo com Couceiro (2003),

Apesar de reprovada moralmente, a prostituição em suas múltiplas funções inspirava reação ambíguas, sendo, de acordo com as circunstâncias, considerada “um mal necessário”. Seu papel realizar a iniciação sexual dos jovens e arrefecer o ímpeto dos desejos masculinos. Preservando a virgindade das moças e a fidelidade das senhoras casadas, por instituir uma política de certa tolerância com relação à atividade, sem, contudo, deixar de submetê-la aos princípios básicos da ordem urbana: o controle médico, a regulamentação de horários, além da determinação de espaços restritos de funcionamento (COUCEIRO, 2003, p. 130).

Assim, o combate à prostituição assumia um caráter bastante peculiar no que diz respeito à ação policial, variando entre campanhas verdadeiramente repressivas e períodos de tolerância às atividades das prostitutas “ricas” e donas dos bordéis da cidade, especialmente aquelas que contavam com uma rede de relações de poder político, devido ao alto nível

econômico dos frequentadores de seus estabelecimentos. Havia ainda os policiais que se apaixonavam pelas carmelitas⁴ – o que possibilitava, por vezes, certa proteção a essas mulheres – e que possuía também as nuances de uma demonstração de masculinidade e de reforço à sua autoridade enquanto homens, acarretando impactos na formação de suas identidades enquanto membros do corpo policial (PEREIRA, 2015 p. 57).

Contudo, é preciso salientar que a condição descrita acima diz respeito, em sua maioria, às prostitutas abastadas, especialmente as de origem estrangeira, que realizavam suas atividades quase que às escondidas, sem levantar suspeitas devidos aos seus modos, vestes caras e acomodações adequadas. Às prostitutas do baixo meretrício e seus pequenos quartos insalubres estava destinada a exposição dos jornais que circulavam na capital que tinham como uma de suas finalidades, inculcar ensinamentos morais nas “moças de família” utilizando as prostitutas como exemplo a não ser seguido.

Em que pese a importância da circulação de notícias, esses jornais nos primeiros anos do século XX eram o palco dos desfiles sobre as discussões em relação ao progresso nacional, feitas pelos jornalistas, em que se apontava também, a honra advinda do trabalho e o repúdio a vadiagem. Tais periódicos desempenhavam, por vezes, o papel de apontar “bons” e “maus” exemplos através da produção massiva de notícias que retratavam a vida de homens e mulheres pobres, em especial, as relações entre clientes e prostitutas do baixo meretrício e os lugares em que se davam tais episódios, atuando como norteadores de comportamento.

Sob a ótica de valorização do trabalho disciplinado e honesto, os rendimentos da chamada “vida fácil” das prostitutas e os ambientes de jogos de azar e bebedeira em que estas muitas vezes se encontravam eram veementemente repudiados. Nas páginas desses jornais, eram descritos os crimes que envolviam essas mulheres, os seus problemas com policiais, as brigas e balbúrdias que se davam nas noites vividas entre os becos, cafés e bordéis da cidade. Desenvolvendo uma imagem ora caricata, ora maligna desses participantes da boemia recifense, os noticiários da cidade vivam em consenso sobre o caráter imoral da prostituição, esquecendo propositalmente, por vezes, as prostitutas abastadas dos bordéis sofisticados da cidade devido a sua intensa rede de proteção patrocinada por grandes nomes da cidade.

Nesse sentido, os periódicos *A Província*, *O Besouro*, o *Diário de Pernambuco*, o *Jornal Pequeno* e o *Jornal de Recife*, oferecem um panorama interessante quanto à representação das filhas de Vênus e as dinâmicas que as envolviam. Entre denúncias e

⁴ Segundo Couceiro (2003), as prostitutas também eram chamadas de “carmelitas”, além de “filhas de vênus”. As prostitutas estrangeiras, por sua vez, recebiam o nome de “polacas”.

compaixão, a vida das prostitutas eram espetacularizadas nas páginas dos jornais. Como aponta Rago (1997), a prostituição no início do século XX se configura como espaço visível “espetacularizado e quantificável, [...] permitindo então que chefes de polícia, médicos, higienistas, juristas e jornalistas constituíssem um universo empírico para as suas observações, classificações e análises” (RAGO, 1997, p. 22).

O *Jornal de Recife*, por exemplo, afirmava que “a prostituição é um grande mal”⁵, contudo, assinalava que era um mal necessário, usando como parâmetro os dizeres de jornalistas franceses. O mesmo periódico ocupava-se em descrever os crimes envolvendo os amores das “filhas de Vênus” em suas edições. Na coluna intitulada “Crime e Ciúme”, o *Jornal do Recife* descrevia o fatídico crime contra Manoel Baptista, auxiliar do comércio de uma moça de “maus precedentes”.

Às 18 e 35 de hontem, Manoel Baptista [...] teve forte discussão com a referida prostituta, a qual sacando de uma navalha deferiu-lhe ferimentos nas regiões supra e infra hyodéa. [...] Não querendo talvez criminar a delinquente, não quis declinar o seu nome (JORNAL DE RECIFE, 1923, ed. 108).

Em outra edição, o mesmo periódico trata da prisão de um soldado no bairro de Santo Antônio, destacando as suas companhias e o motivo de sua prisão.

Foi preso hontem [...] o soldado da cavalaria Rubem Severino Gomes, que se opoz á prisão de uma prostituta que promovia distúrbios. O referido soldado estava a paisana e acompanhado de indivíduos duvidosos e arruaceiros (JORNAL DE RECIFE, 1921, ed. 295).

Nesses dois trechos jornalísticos, é possível analisar a questão do envolvimento dos homens com as referidas prostitutas, sempre pontuando os lugares de arruaças e o clima de instabilidade emocional em que estas mulheres estavam inseridas. O segundo trecho corrobora ainda para a visão de que as relações entre os militares e as carmelitas eram bastante íntimas, visto que o referido soldado foi recolhido por defender uma prostituta que segundo o periódico, promovia confusões.

O jornal *A Província*, por sua vez, destaca o caráter duvidoso dessas mulheres e ressalta a sua relação com a propagação de maus costumes e doenças venéreas. Em uma coluna intitulada “A intelligencia da mulher”, o periódico trata das diferenças entre homens e mulheres e a questão do intelecto desta, apontando o caráter polígamo da natureza masculina, colocando a mulher que foge da monogamia, ou seja, a prostituta, como uma “aberração”.

A prostituta não é equiparável á criminosa, como proclama a escola lombrosiana, tão profunda, tão obstante, no grosso de sues ensinamentos: a prostituta é uma aberração, uma vitima [...] algumas vezes de doenças e enfermidades orgânicas, e, em regra das doenças e defeitos da sociedade (A PROVINCIA, 1920, ed. 294).

⁵ *Jornal de Recife*, ano 1922, edição nº 49.

Tais relatos trazidos às páginas dos jornais corroboram mais uma vez para a imagem maléfica atribuída às prostitutas, bem como as mazelas e vícios a que estavam expostas. No segundo trecho, é possível perceber que a agressão cometida a “negra prostituta” não ficou impune, entrando mais uma vez em paralelo com a afirmação de estas mulheres não estavam abandonadas a própria sorte no campo jurídico.

A linguagem utilizada pelo *Diário de Pernambuco* em relação às prostitutas, também demonstra o caráter que era atribuído a essas mulheres, ao se referir a prostituta conhecida como “Maria das cabras” como uma “mulherzinha incorrigível” e de “espírito atrabiliário e perverso” que não deixava seus vizinhos dormir no bairro de São José com suas “costumeiras tropelias”⁶. O periódico nos permite perceber como as prostitutas eram frequentemente associadas a ideia de um comportamento desregrado e amoral, e que a perturbação da ordem ou o ultraje ao pudor público eram frequentemente descritos como crimes cometidos pelas “filhas de Vênus”, fazendo-se necessário, de acordo com o contexto da época, a intervenção policial como dito anteriormente.

Os amores das prostitutas também grassavam nas páginas dos jornais e os espaços destinados aos famosos folhetins que chegavam também às mãos das mulheres pertencentes à elite recifense. No folhetim “A filha do romancista”, do *Diário de Pernambuco*, Raymundo entregava-se aos amores de uma mulher que se autocondenava pela vida que levava.

Bem vê que não, pois ainda vido! Croia-me, vá, Raymundo, eu não mereço que um homem como você prejudique sua vida por uma mulher como eu! Não sabe que é uma prostituta? Pois bem! Olhe para mim! Veja uma! (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1919, ed. 281).

A recorrência desses folhetins utilizando personagens que se encontravam no ramo da prostituição desvalea outra face das representações de prostitutas na imprensa. Os amores dessas mulheres de vida alegre e desregrada povoavam o imaginário da população em relação ao seu estilo de vida mundano. A vida glamorosa das polacas francesas e os amores que estas despertavam nos homens, bem como a rendição desses homens a seus amores desfilavam nos folhetins dos periódicos, ao mesmo tempo em que a sociedade queria manter longe essas mulheres de seus homens.

O último trecho jornalístico corrobora com a questão de que as denúncias e arroubos dos amores dessas mulheres não eram os únicos a pontilhar as páginas desses jornais. As prostitutas eram descritas por vezes com certa compaixão, embora ainda fossem rechaçadas socialmente. Outro ponto que vale ser destacado diz respeito a esse caráter de comiseração

⁶ *Diário de Pernambuco*, 1903, ed. 248.

aos descrever essas mulheres em relação à idade muito jovem que muitas ingressavam no exercício do meretrício. O jornal *A Província* relata um caso de agressão ocorrido no bairro de Santo Antônio, destacando a “infelicidade” da criança que se prostituía.

As referidas meretrizes disseram que era espancada uma menor de 13 anos, ali residente em companhia de uma sua irmã, também prostituta, mas, ao que parece, se trata de um caso que se encontra comprometida a honra da infeliz criança. O capitão Alvaro de Almeida deverá hoje tomar a respeito as necessárias providencias (A PROVINCIA, 1916, ed. 256).

Na outra face dessa moeda, estavam as donas de bordéis abastadas que recolhia moças de diversas idades para se prostituírem. Ainda na primeira década do século XX, com as reformas empreendidas no Recife, muitas estrangeiras vinham para a cidade no intuito de tornarem-se donas de bordéis e auferir lucros das meretrizes que ocupavam seus estabelecimentos. Configurada como crime de lenocínio⁷, a exploração das prostitutas eram constantemente denunciadas nas páginas dos periódicos que circulavam na cidade do Recife. Jornais como *O Besouro* pediam “providencias cabaes” aos que “nesta cidade tirar lucros de meretrizes (O BESOURO, 1903, ed. 55).

É válido ressaltar que a repressão ao crime de lenocínio preocupava as autoridades não só pela questão da exploração das meretrizes, mas também pelo fascínio que esses “recrutadores” poderiam exercer sobre as moças que não haviam caído na prostituição e que poderiam ameaçar a honra das famílias. O *Diário de Pernambuco* tem suas páginas pontilhadas por matérias que repudiam o lenocínio e relatam a preocupação das autoridades em relação ao monitoramento do desembarque dos *caftens* na cidade do Recife.

Continuamente, a nossa policia marítima recebe telegramas de Buenos Aires, Santos e Rio de Janeiro, prevenindo a da expulsão dos caftens, afim de impedir seu desembarque em território brasileiro. E que de todos os delictos nenhum é mais infamente nem degrada mais o criminoso, que o de viver do torpe commercio do meretricio, obrigando as miseráveis ao aluguel do corpo, para que disso tirem lucro (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1914, p. 198).

O trecho confirma o tratamento piedoso que algumas vezes era destinado as “miseráveis”, ao mesmo tempo que mostra o medo da população, em especial, dos pais, de ter sua honra maculada por alguma moça de sua família ter caído no meio da prostituição. Aqueles que ajudassem na trilha para esse caminho visto como desregrado e sem moral, deveria ser punido por explorar essas mulheres e acima de tudo, terem manchado o nome das famílias de onde elas saíram. Nesse sentido, os relatos dos jornais se configuram como palco privilegiado de estudos acerca do tratamento permeado por ambiguidades dado as prostitutas

⁷ Embora o exercício da prostituição não fosse considerado crime pelo Código Penal Federal de 1890, os artigos 277 e 278 apontava como ato criminal a promoção da prostituição ou sua exploração lucrativa por terceiros, denominada como crime de lenocínio.

pela sociedade recifense. Tratadas pelos jornais como aberrações ou com compaixão pelos maus tratos da vida que levavam as prostitutas do “baixo meretrício”, os amores, passeios, brigas e balbúrdias das filhas de Vênus eram descritos com minúcias servindo tanto de literatura – no caso das prostitutas mais abastadas – quanto de material de cunho balizador do comportamento das “mulheres honestas”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões presentes no artigo sobre os impactos da discursos modernizantes e ao mesmo tempo moralizantes, a respeito das práticas das “Filhas de Vênus” nas primeiras décadas do século XX corroboram com interpretação à época das regiões centrais da cidade do Recife como antros da vadiagem, boemia e maus hábitos para os cidadãos de bem. Entretanto as relações de poder existentes entre “as zonas”, cabarés, bordeis etc., e os poderes institucionais eram complexas e paradoxais.

Por um lado, o discurso médico socail pregava e executava o processo de higienização dos bairros centrais contra a insalubridade, combate as doenças e principalmente aos maus hábitos, cortiços, e locais do “baixo meritismo” foram alvos constantes; outra tentativa para erradicar e moralizar, a zona boêmia da capital era constituição de regras e normas para esses locais os quais afastavam as prostitutas com alguma infecção transmissível ou as alocava em locais longe dos espaços públicos frequentados pelas pessoas de bem da sociedade recifense. Por outro lado, as ações policiais constituíam peça interessante na rede de relações com a prostituição. Entre repressões e tolerâncias, as abordagens policiais tinham destino mais voltado para os locais do “baixo meriticio” do que para os bordeis refinados da rua das flores, da prostituição de luxo, onde tal ação policial se confundia com caos amorosos e devidas proteções aos espaços

Agora, os jornais também exerciam impacto no imaginário socail quanto a retratar em suas reportagens os casos de vida das prostitutas. As relações entre homens e mulheres mais pobres e seus envolvimentos amorosos, brigas, vícios etc. eram postos pelas matérias de modo a construir o discurso dicotômico entre os bons (a sociedade recifense) e os maus (mais pobres, vadios, as prostitutas), além de, servir como duplo discurso moralizador, as zonas, bares, bordeis e locais próximos ao bairro de Santo Antonio não são locais para “moças de famílias” ou “mulheres direitas”.

Ainda nos discursos não ditos pelos jornais está as relações de poder em visibilizar um mundo das representações dos maus hábitos e costumes duvidosos, da vida boemia e do meritício fácil, e invisibiliza os sofisticados bordeis, as prostitutas estrangeiras e suas donas. A construção de regras e normas civilizatórias para o processo modernizador da cidade do Recife em início do Século XX, constituiu uma marca para sociedade da época, ao perseguir, purificar e higienizar os maus hábitos e vícios, como no caso da prostituição, porém sem intervir em negócios dos bordeis mais prestigiados da cidade. Além disso, delimitar geograficamente um espaço, longe das para as pessoas de bem e constantemente fiscalizado. O policiamento dos hábitos e dos corpos das prostitutas, assim como suas redes de poder e influências marcam as vidas noturnas da capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher as três primeiras décadas do século XX, nos propomos a enfatizar os aspectos da prostituição que se mesclavam com os discursos de desodorização do espaço público, além de procurar estabelecer como a questão da prostituição e da exploração das meretrizes era tratada juridicamente.

Assim, a questão da prostituição se apresentou como um demonstrativo aos diversos nuances que evoluíam as dinâmicas sociais nas três primeiras décadas do século anterior no Recife. As filhas de Vênus movimentavam os cafés, as ruas e os cortiços da cidade, tornando-se alvos dos discursos médicos e incursões policiais, trazendo suas habitações e atividade para o centro do debate higienista e moralizador do começo do século XX.

Vale apontar que o estudo das páginas dos jornais citados revelou como a sociedade se servia das histórias, dos amores e dos arroubos das prostitutas tanto como divertimento, quanto como produto de intuito pedagógico. Como observado, as prostitutas eram socialmente rejeitadas, contudo, a prostituição se configurava como um mal necessário à preservação da honra das moças de família e espaço de afirmação das masculinidades.

Cabe ressaltar que o presente estudo se ateve a prostituição feminina no centro do Recife e o resultado aqui disposto precisa de novas formulações se aplicados ao contexto da prostituição masculina no mesmo espaço-tempo. Posto isso, é válido pontuar por fim, que o estudo sobre prostituição no início do século XX nos dias e noites da capital pernambucana, não poderia ficar circunscrito apenas ao âmbito repressivo da polícia ou dos discursos de higienização, mas que é preciso analisar como essas moças eram donas de suas próprias

histórias, em meio aos perigos que o exercício deste ofício carregava e carrega até os dias atuais, sendo resultado tanto da pobreza, quanto do lento e gradual rompimento (ou manutenção) com os laços patriarcais.

REFERÊNCIAS

BATISTA JÚNIOR, M. J. F. Os prazeres noturnos: boemia e prostituição no Recife (1900-1930). Anais eletrônicos. V Congresso Sergipano de História e V Encontro Estadual de História da Ampuh/SE. Disponível em: http://www.encontro2016.se.anpuh.org/resources/anais/53/1477176722_ARQUIVO_ArtigoS E-MarcosJoseFerreiraBatistasJunior.pdf. Acesso em: 22/11/2018.

COUCEIRO, S. C. Artes de Viver a Cidade: Conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. – Recife, 2003.

ENGEL, Magali. Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). Editora Brasiliense, São Paulo, 1989.

GOUVEIA, B. M. O Recife insalubre: entre a medicina e as epidemias. XXVIII Simpósio Nacional de História. Santa Catarina, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439246453_ARQUIVO_ArtigoANPUH2 015.pdf. Acesso em: 21/11/2018.

LAPUENTE, R. S. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delimitações metodológicas. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

NEVES, M. A. Higienismo e ações de remodelamento urbano no Recife (1900 – 1929). Cadernos do CEOM. Saúde e meio ambiente – v. 31, n.48. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/4052/2479>. Acesso em: 21/11/2018.

NOVAIS, F. A. História da vida privada no Brasil, República: da Belle Époque à Era do Rádio. SEVCENKO, N. (org). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 3ª ed. P. 49-131.

PEREIRA, V. B. Outros trabalhadores: experiências e cotidiano de trabalho de homens e mulheres no Recife (1890-1915). Dissertação de mestrado. Recife, 2015. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/5183>. Acesso em: 22/11/2018.

RAGO, M. Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. Paz e Terra, São Paulo, 1997. P. 163 – 206.

SILVA, S. V. Quando o Recife sonhava em ser Paris: a mudança de hábitos das classes dominantes durante o século XIX. Revista de História, João Pessoa, jul./ dez. 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/download/14002/7924>. Acesso em: 20/11/2018.

VALENÇA, M. A. Soberania policial no Recife do século XX. Tese de doutorado. Brasília, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/31794>. Acesso em: 22/11/2018.